Em questão: a análise leiga ou ...

Ana Beatriz Lima da Cruz

Resumo:

Apresentamos neste trabalho uma leitura do texto de Freud “A questão da análise leiga” (1926) com o objetivo de ilustrar como a problemática da ocupação do lugar de analista é explorada de forma criativa por Freud pela via da encenação da experiência psicanalítica. Consideramos que neste momento, em que se discutem as possibilidades e limites da psicanálise como caminho possível para se lidar com o sofrimento psíquico, seria interessante explorarmos uma certa perspectiva clínica - uma clínica da feminilidade -, indicada por Freud neste texto.

Palavras-chave: clinica da feminilidade, experiência psicanalítica,

Nos idos de 1926, portanto já há algum tempo, sentindo-se Freud afetado em sua solidariedade ao amigo Reik, lança-se num empreendimento de grande porte (Freud,1926), qual seja, o de discutir sobre o que deve se passar na cabeça e na ação daquele que tem o desejo de ocupar o lugar de um analista.

Freud poderia ter escolhido o caminho mais simples e dizer como deve ser um analista, como fazem as psicoterapias com as quais esbarramos em nosso cotidiano, ou seja, lançam mão de adjetivos para definir o super faturado lugar do ego: o terapeuta tem que ser decidido, objetivo, assertivo, sensível, expansivo, de bom astral, extrovertido, e muito mais. Temos a impressão de que por essa via esses terapeutas acreditam piamente que a ilusão identitária do ego conseguirá se eternizar e poderá promover para todos, sem distinção de credos, os melhores benefícios.

Freud poderia também ter escolhido um outro caminho, qual seja, o da definição de lugares de poder: a brincadeira de passar o anel. Esta

brincadeira, pelo que observamos, o máximo que alcança é promover que a causa da psicanálise cause uma verdadeira ojeriza, com uma boa dose de engulhos, junto aos iniciantes nessa experiência. Os que se empenham neste tipo de jogo conseguem desenvolver um tipo de aversão de tal ordem que esta se estende à qualquer objeto que venha a se identificar com a psicanálise.

Mas Freud faz uma escolha que se constitui, em nosso ponto de vista, num caminho difícil e criativo. Ao invés de dizer como deve funcionar a personalidade do analista ou dizer das provas que ele deverá passar para ocupar o lugar de analista, ele constrói um texto, num estilo pitoresco, no qual somos transportados (como num romance, por exemplo) para o bojo de uma experiência de análise. Ou seja, experimentamos junto com os personagens dessa ficção os encantos e dissabores da poltrona de um analista.

Para tanto, Freud estabelece, como sabemos, um diálogo entre o leigo – a pessoa imparcial – e o analista (Freud, 1926). A pessoa imparcial tem o desejo de penetrar nesse mundo – como funciona uma análise e o que faz um analista. Freud, ao invés de se limitar a falar disto, faz duas coisas ao mesmo tempo: fala e vive com a pessoa imparcial o que seja a experiência de uma análise. Exatamente por essa segunda parte é que somos transportados junto com o texto para o que vem a ser essa experiência, que como qualquer outra, não tem como ser transmitida, mas apenas vivida. Vivemos como se assistíssemos a um filme ou lêssemos um romance, somos capturados por aquela trama.

Ora, antes de continuarmos com esta cena trazida pelo velho Freud, é preciso que façamos um breve intervalo, uma sala de espera, para situarmos a que viemos com tudo isso.

É óbvio que o colorido se modificou. Mas nos parece que passamos por incômodos que justificam que se lembre da saída de Freud. Esses incômodos dizem respeito, como naquela época, às relações entre os analistas, ou ainda, às suas relações (dos analistas) com o mundo que os rodeia, mais especificamente suas dificuldades para articular a teoria que dispõem aos campos de ação com os quais se defrontam. O que acaba levando-os à indagação sobre o que é um analista. Mas afinal

quais seriam esses incômodos que nos afetam e, por isso mesmo, não se constituem em transtornos ?

Incômodos estes tais como: por que a psicanálise? Ela ainda tem lugar? É indicada em que ocasiões? Existe uma psicanálise do consultório e outra das instituições? O que faz um analista, o que é um analista? Trata-se daquele cara sisudo, sádico, desprovido de corpo, arrogante, prepotente que carrega Luís XIV no ventre, quem é ele afinal? O que define o processo analítico? E as novas psicoterapias passarão por cima da psicanálise? A pisoteará, tomará seu lugar? Sonho, que sonho que nada, bicho sonha que nem homem, isso é uma baboseira. Conflito, que conflito que nada, não há mais culpa, estamos esvaziados das paixões. Se a psicanálise estava montada nisso – no conflito psíquico – ela desceu como água pelo rego abaixo. E a indústria farmacêutica, esta nem pensar, trata-se de uma competição desleal, suas armas são bem mais poderosas. Somos formatados e enlatados sem a menor possibilidade de um ai diferente que seja. Se ela patenteia até uma frutinha do Amazonas, o que dirá de nós. Lembramos da fala de um médico para uma mulher que acabara de descobrir que ingressava no submundo da menopausa: “mas que absurdo, você não precisa estar sentindo tudo isso – afetos - , já devia estar tomando medicação, você tem que tomar remédio imediatamente”. Ora, essa moça graças ou não a ela – a menopausa - , se permitia estar ingressando numa nova ordem, a dos afetos. Vivemos a era da proibição de afetação. Como pode se sustentar a experiência analítica que afeta o sujeito de cabo a rabo? Que se processa por uma grande paixão: uma história de amor que se vive com o analista (Freud,1915).

E aí, diante desses incômodos, qual seria a nossa saída? O que fazer? Uma coisa é certa. Não podemos ficar de braços cruzados esperando a tempestade passar. É preciso que nos molhemos, ao menos, um pouco. É preciso repensarmos as propostas de organização das subjetividades engendradas pela psicanálise. Ou seja, ao invés de ficarmos de olho no que existe ao nosso redor, melhor seria o movimento de um mergulho nas profundezas das águas geladas da teoria psicanalítica. Tal movimento já acontece, muitas cabeças brilhantes ao

meu redor, por se permitirem experimentar sua insuficiência, tem trabalhado nesse sentido¹. E nós, por ora, gostaríamos de deixar apenas uma breve contribuição ou refrescar nossas memórias com a literatura freudiana. Aqui fechamos nossos parênteses.

Como já assinalamos, de alguma forma nos identificamos com os incômodos experimentados por Freud nos idos de 1926 (Freud,1926). E aí pensamos: se pudermos trazer a saída de Freud por ocasião de suas experiências junto aos tribunais, quem sabe esse diálogo nos abra novas perspectivas. Esta saída freudiana diz respeito a uma indicação sobre o que vem a ser um mergulho na arriscada experiência de uma análise. Que movimento é este de mergulho que poderia favorecer a criação de algo diferente de um sofrimento ou de uma impossibilidade de satisfação? A partir desta indicação tentaremos falar sobre algo do tipo de uma montagem de engrenagem que pudesse favorecer a produção de novos frutos. Ou melhor, no que consiste o tipo de movimento da experiência de análise que pode prescindir de atribuições qualitativas tais como: consultórios, instituições, pobres, ricos, psicóticos, crianças, medicações, neuróticos e muitas “coisitas” mais? Ao invés de nós, analistas, nos determos em discussões relativas ao colorido das situações, melhor seria se tentássemos entender a engrenagem da experiência analítica, o que realmente marca a diferença entre a análise e outros métodos de abordagem do sofrimento psíquico.

Acho que uma visita ao texto “A questão da análise leiga” (Freud,1926) se constitui num passeio que pode nos ajudar a esmiuçar um pouco mais essa coisa difícil que é o campo da experiência. Campo este para o qual não podemos fazer vista grossa. Pois essa área intermediária, esse playground, esse jogo, seja qual for o nome que se queira dar, se constitui num lugar fundamental a partir do qual a criação de novas formas de satisfação podem surgir. Dito de outra maneira, esse campo da experiência é que pode possibilitar, no nosso entender, a alocação do excesso pulsional em novas produções. Voltemos ao texto freudiano ou à sua época.

¹ A referência aqui é pública e notória a um pesquisador nosso, o brasileiro Joel Birman.

Os amigos de Freud sempre lhe deram muito trabalho, Fliess, Jung, Ferenczi, e agora Reik. Mas ele não fugia da raia, nadava cada vez mais e em braçadas mais fortes. Vivia com eles verdadeiros embates transferenciais e buscava o conforto desses confrontos em construções não de casinhas, mas construções com lápis e papel. Por essa ocasião, Freud se encontrava numa situação embaraçosa, estava empenhado em salvaguardar a prática clínica de seu amigo Theodor Reik. Naquela época, nos idos de 1920, essas coisas aconteciam, a solidariedade entre os amigos analistas, eles não saíam por aí se comendo uns aos outros.

Para tal intento, salvaguardar a clínica de Reik, Freud resolveu elaborar um “opúsculo” (Freud,1926:285) que traduzisse em miúdos no que consistia, afinal de contas, a tão polêmica prática da psicanálise. Note-se a inversão. Ao invés de lançar mão de uma lei ou norma dizendo como deve ser o analista, ele opta por trazer à tona o jogo da análise e, com isso, aqueles que, por ventura ou desventura, venham a se entusiasmar com ele, que se aproximem. Vale ressaltar a contemporaneidade desse convite feito por Freud.

Ele institui para interlocutor em tal façanha a figura fictícia da “pessoa imparcial”. Digamos de passagem, um fantasma que tem nome – o Dr.Durig. Freud vive com esse interlocutor fictício os impasses de uma análise, ao mesmo tempo em que tenta transmitir, a esse mesmo interlocutor, o que seja a experiência da análise. Mas como é que ele faz isso?

Freud vai levando a “pessoa imparcial” a sentar-se no banco dos réus – a ocupar a frágil poltrona de um analista -. Este movimento acontece sem que as perdas e os danos sejam deixados de lado, quer dizer, os afetos comparecem: em dado momento, por exemplo, a pessoa imparcial solicita que Freud não fique tão raivoso por ter que distinguir psicanálise de psicologia (Freud,1926:220). E cá entre nós, a gente bem sabe como custava caro e era importante para o nosso prezado amigo que essas diferenças estivessem bem claras e, por isso mesmo, ele deve ter tido muita raiva naquele momento.

Freud vai levando a “pessoa imparcial” a pensar que está dominando a técnica psicanalítica através de explicações pautadas na

ênfase do simbólico, ou seja, transmite o que seja a “arte interpretativa”. Isto acontece depois de uma exaustiva aula sobre as instâncias psíquicas, sobre as localidades, as dinâmicas, as doenças nervosas, sobre o sexual.

Quando a “pessoa imparcial” verbaliza o seu contentamento por já, tão rápido, ter dominado a técnica da psicanálise, julgando-se um exímio tradutor de inconscientes, Freud joga um balde de água fria dizendo que não se entusiasme tanto pois o mais importante sobre a experiência analítica ainda está por vir: o paciente insiste em permanecer doente (Freud,1926:251), ele não se contenta com essas ladainhas ou interpretações. Ele insiste na inércia psíquica e haja forças do analista para demovê-lo de tal intento. A partir desse momento, Freud tenta, a duras penas, transmitir o que seja algo da ordem de um embate de forças que se desenrola na cena transferencial. Algo da ordem de um fazer frente à força da pulsão de morte que se intromete na cena, ou melhor, que rouba a cena do brilhante decifrador de sentidos carregando o pobre coitado do sujeito da análise para a lama e, junto com ele, seu analista. De sujeito ele passa a pó que se misturou à água. E, aí, nesse momento, não tem cabeça que dê conta. É questão de arregaçar as mangas e meter a mão na massa. Em muitas ocasiões transforma-se em brincadeira de massinha mas, em outras, acaba virando massa de risole, aquela em que haja forças para mexer! De qualquer forma se trabalha ou se brinca para favorecer o aparecimento de um novo produto que propicie satisfação para ambas as partes, seja ele uma colorida flor de massinha, ou um saboroso risole do Jobí.

Observamos como somos transportados, com a construção do texto, para os movimentos de um processo de análise: os encantos iniciais do paciente no sentido de que vai obter a cura, que vai entender tudo o que se passa com ele (os encantos da pessoa imparcial que se julga um exímio tradutor de inconscientes), e o seu recuo: prefere pagar o preço da doença a ter que abrir mão de algumas preciosidades e, por fim, a continuidade do processo, a partir desse momento onde o sujeito “empaca”, que só será possível através de um confronto de forças na relação transferencial. Não se trata de que essas forças ou intensidades

não estivessem já à postos mas que, em determinados momentos, elas se intensificam. E aí temos uma batalha travada no sentido de positivar o desamparo e remetê-lo para um pólo erótico, a via da feminilidade, como condição de possibilidade para novos caminhos.

Ainda mais uma vez, insistindo em falar desse movimento ou tentando imprimir outra cadeia rítmica ou um novo tom. A maneira como Freud trata, ou a construção que ele faz sobre o tema polêmico dos praticantes leigos – briga de forças ou briga nos tribunais para designar o que é um analista – traz no bojo dessa construção a experiência de uma análise. Com isso somos transportados, com a leitura desse texto, para o movimentado percurso de um processo de análise: quando o sujeito se percebe abalado em suas certezas sai em busca de um saber sobre a verdade de seu desejo que o leva a um encontro traumático – a insuficiência do seu ser-, tal encontro acarreta uma certa reticência do sujeito para permanecer nesse caminho. Nesse ponto, o manejo da transferência surge como um juiz que terá a decisão da partida, dependendo da dosagem de angústia, a partida tem continuidade ou pára por ali mesmo.

Tal passagem nos interessa sobremaneira pelo fato de acharmos que Freud fica, neste momento como em vários outros, oscilando entre as certezas de uma clínica pautada no simbólico ou nas representações e as incertezas de uma clínica pautada no pulsional (Birman,1999:201) ou, uma clínica do indeterminismo ou da feminilidade que aos seus - e aos nossos olhos - promete surpresas bem mais interessantes. Tal oscilação indicaria, em nossa interpretação, o próprio movimento de uma análise nos moldes da clínica da feminilidade (Cruz,2001), que acompanha o movimento de um processo de subjetivação. Ou seja, um constante ir e vir no sentido da subjetivação e da dessubjetivação. Dito de outra maneira, este seria um movimento contínuo de busca de domínio do excesso pulsional através das amarras das representações, a ruptura dessas amarras pela força da pulsão de morte (Freud,1920), novo encontro traumático com a experiência de desamparo e, assim, num passo à frente e outro atrás, vão se forjando subjetividades. Algo assim, ao estilo de um bolero: são dois prá lá, dois prá cá.

Referências Bibliográficas

BIRMAN, J., *Cartografias do feminino*, São Paulo, Ed.34, 1999.

CRUZ, Ana Beatriz Lima da, *Amok: feminilidade e clínica*, Tese (Doutorado), UERJ, Instituto de Medicina Social, 2001.

FREUD, S., “Observações sobre o amor de transferência” (1915), in: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S.Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1972, vol.XII.

“Além do princípio do prazer”(1920), in: *op.cit.*, v.XVIII.

“A questão da análise leiga”(1926) in: *op.cit.*, v.XX